

Noemi Jaffe

Lili

novela de um luto

COMPANHIA DAS LETRAS

QUANDO ELA ESTAVA MORTA, eu beijei seu rosto, suas mãos, seu colo. Apertava seu pulso, abraçava seu corpo, chamava: mãe, mãe. Levantava sua mão e a deixava cair.

No dia anterior, quando ela ainda não estava morta, mas quase, eu aproximava meu ouvido do seu peito e ouvia a respiração. Era diferente.

É diferente estar quase morta de estar morta mesmo. É diferente, e só sei disso agora que ela morreu.

Se quando ela estava quase morta eu esperava que ela morresse, agora é como se eu a quisesse quase morta para sempre, só para ouvir sua respiração, a bochecha quente, os dedos da mão se mexendo mesmo que por reflexo, um ronco baixo no peito, o tremor nas pálpebras.

Nunca tinha ficado perto de uma pessoa morta e descoberta. Apenas do meu pai, mas um lençol o cobria, sobre o qual tracei com o dedo o contorno do seu nariz, gesto que repeti com a minha mãe depois que a cobriram.

Fui a única a permanecer com ela, ela morta. Fiz isso porque eu precisava, e por que precisava não sei dizer. Para estar mais com ela.

O homem do *chevra kadisha* me censurou. Disse que quem estava lá não era mais ela. Com que rapidez se aceita que a morte subtrai a pessoa, que a morte esvazia o que chamam de alma da pessoa.

Resisti: é o corpo da minha mãe. Era ela ou não era ela? Na hora, para mim, era. O corpo da minha mãe morta é minha mãe.

Tive a ousadia de abrir os olhos dela, e por trás das pálpebras lá estava o olho inteiro, da mesma cor, o mesmo olhar, ainda que ninguém olhasse por trás dele.

Não foi masoquismo, um prazer mórbido. Foi tão simples como uma despedida de amor ou a dificuldade da separação.

Nas últimas semanas ela adormecia com frequência enquanto conversávamos e numa dessas vezes ela acordou sobressaltada, gemendo, e eu e a Leda perguntamos o que foi?, e ela respondeu: a dor da separação.

Ela sabia que ia morrer e, apesar de sempre ter afirmado — e era verdade — não ter medo da morte, no final estava com medo, com muito medo. Ela pedia beijos sem fim, não queria largar o abraço e pedia mais e mais beijos.

No penúltimo dia antes de morrer, aproximei minha bochecha da sua boca e pedi beijos, e ela, semi-inconsciente, fez um bico com os lábios, chegando a dar um estalo. Também apertou minha mão e fez que sim e que não com a cabeça.

Por tanto tempo tive pressa pela morte dela, mas nos últimos dias eu só queria que demorasse para sempre.

Uma pessoa pode ser só o calor da mão. Isso basta para que uma mãe seja mãe e para que eu seja filha.

Ver o corpo morto e aceitar: mãe, você está morta.

Existe uma aceitação incontornável a um corpo morto. Não vou prendê-lo, me agarrar a ele, impedir que seja embrulhado, ensacado, encaixotado e transportado por alguém que não conheço — e a quem agradeço de coração — para dentro de uma geladeira. *Deve* ser assim. É horrível e *deve* ser assim.

Dever, aqui, quer dizer muitas coisas: é uma atribuição da maturidade realista, uma aceitação do ritual necessário de conformação à natureza (esse corpo vai se degradar) e à comunidade (os mortos devem ser enterrados) e uma demonstração de sanidade (não sou louca, não devo me agarrar ao corpo).

E existe ainda uma aceitação existencial, que oscila: aceito, não aceito: ela não existe mais. Minha mãe — o olhar, o sorriso, o beijo e o abraço — não existe mais.

Quando penso nela, penso no olhar, no sorriso que ela abria quando reconhecia que eu tinha chegado, no abraço e nos beijos inumeráveis, sobre os quais ela dizia que “tudo era muito pouco”.

Nos últimos meses, ela se transformou em puro carinho. Tudo nela emanava um amor infantil, que acariciava com o olhar. Era como ser olhada por um cervo filhote, ser abraçada por um leão, ser beijada por um amante que recebe a amada. Sua mão grossa e quente apertava meu tronco e minhas mãos. Falávamos pouco. Ela adormecia, e muitas vezes dormi em seu ombro, ouvindo sua respiração lenta, me sentindo aconchegada. Ela era mãe. Ela se tornou mãe. Ela se reduziu a mãe. Ela era feliz porque tinha as três filhas, e nós três éramos o mundo todo, a vida toda para ela. Nada mais importava além de poder nos ver e beijar e abraçar.

Mãe é uma palavra perfeita, com a qualidade inteira dessa condição e cujo som não só coincide, mas é o seu próprio significado.

O “m” do som do aleitamento que faz da mãe uma mãe e do filho um filho, o “ãe” que é praticamente uma extensão murmurante, reflexa, do “m”, combinação rara em português.

O que é mãe? Ser mãe. Sei que minha mãe era mãe. É mãe.

Às vezes sinto que ser mãe é ouvir essa palavra, que basta isso para transformar uma pessoa em mãe. Transformar uma pessoa em mãe, eu disse. Como se não bastasse ser uma pessoa para ser mãe.

Mãe é diferente de pessoa. Falando agora por mim — e valeria também para a minha mãe —, mãe é loucura. Mãe é a condição mais absurda, e talvez errada, que a sociedade ocidental inventou e cultivou. Amar uma mãe e amar os filhos é um desvio insustentável do amor. Um sentimento que ultrapassa a própria capacidade de compreender e até de sentir o amor.

Minha mãe morreu de amor? Não, ela morreu de dor. Seus pés gangrenaram, num processo infeccioso irremediável, e de tanto não suportar a dor dos curativos foi preciso sedá-la, o que dificultou sua alimentação e acabou levando-a à morte. Morte que aconteceria de qualquer jeito, mas que foi assim.

Quando me perguntam do que ela morreu, é difícil dizer que foi de uma infecção nos pés. As pessoas ficam sem resposta, esperam que eu lhes facilite a vida — perguntar sobre uma morte é uma convenção embaraçosa da qual todos querem se livrar facilmente e a que a filha da morta acede com educação, apesar de querer continuar a conversa. As pessoas esperam ouvir de mim câncer, pneumonia, infecção urinária (ah, sim, isso é muito comum em idosos), e quando digo “infecção nos pés” cabe a elas um olhar interrogativo, e a conversa deve prosseguir por mais alguns minutos.

Infecção nos pés, pés gangrenados. Eu nunca tinha ouvido falar que se podia morrer disso.

Durante mais de dois anos, desde que a saúde dela começou a realmente se deteriorar, ela teve algumas infecções, e a médica prognosticou a morte próxima dela algumas vezes. Nós nos preparávamos o quanto podíamos, de forma emocional e prática, mas

*image
not
available*

Mas logo em seguida vinha o alívio por ela mais uma vez ter sobrevivido, e as piadas por ela já ter ultrapassado a fronteira da morte. Eu dizia, rindo: “É preciso pensar no mundo que nós e nossos filhos vamos deixar para a Dona Lili”. Nesses momentos de surpresa, em que a sua capacidade de sobrevivência superava todas as previsões, ela se transformava em Dona Lili, mais do que mãe ou a minha mãe. Como se fosse uma entidade ou uma super-heroína.

Depois de alguns poucos meses, ou mesmo semanas, lá vinha uma nova previsão de morte, que aceitávamos com uma desconfiança cada vez maior, chegando algumas vezes a nem levá-la a sério. Se a cuidadora me telefonava dizendo que algo tinha acontecido, eu ficava alerta, mas o telefonema terminava com uma afirmando à outra que no dia seguinte Dona Lili estaria ótima. E era o que acontecia.

Quando o prognóstico pareceu finalmente acertado e a médica estimou cerca de um mês de vida, depois semanas e por fim dias, a sensação era de medo e também de alívio: é agora. Mas por trás disso ainda se ocultava alguma desconfiança, quem sabe demore mais um pouco, quem sabe nem aconteça?

Mas chegou o momento da inexorabilidade, esse que se abateu até sobre a intocável Dona Lili. Para mim era da ordem do inaceitável vê-la realmente combatida pela natureza, pela doença, pela inanição. Inaceitável ver que também ela se submetia à indesejada das gentes.

Por muito tempo, especialmente com a infecção nos pés, que ia gangrenando seus dedos, eu teorizei, senti a morte nela, como se estivesse vendo e conversando com uma pessoa não completamente viva.

Pensando agora, acho isso uma grande idiotice. Ninguém está completamente vivo, a morte está o tempo todo dentro de nós, e não

*image
not
available*

mesmo sem ter comprovado isso no espelho. Quero consumir menos, estou mais quieta, sem vontade de conversar com as pessoas. Mas isso deve ser a tristeza de agora. O que será que ela levou de mim de definitivo?

Não sei dizer. Acho que vou passar a ser eu mesma mais um buraco.

Lá vai a Noemi mais um buraco.

Sei que agora me sinto como a Clarice Lispector no poema de João Cabral, quando todos falavam de morte e passaram a falar de futebol. Assim que se fez silêncio, Clarice perguntou, pedindo: “Vamos voltar a falar de morte?”.

A vida cotidiana logo após a morte dela é consoladora e difícil. Tenho muitos compromissos a cumprir — aulas, leituras, concurso, textos, casa, advogada, contas — e cumprio cada um deles bem, e até sem muito peso, mas todos agora se cobrem de um véu diferente. Todos têm como um pó de morte em volta que os torna ao mesmo tempo sem sentido e cheios de sentido. Quero e consigo fazer tudo o que preciso e gosto — assisto a filmes, leio livros, brinco com a cachorra, como com prazer, rio, converso —, mas tudo se reveste de mais beleza e de uma espécie de tato, palavra que acabou de me ocorrer. Tudo o que gosto parece mais pegável, e presto muita atenção aos sentidos. O sabor do abacaxi, do sorvete, a fotografia em um filme — coisa em que nunca prestei muita atenção —, o ritmo das frases de um livro, o som das palavras, o verde dos olhos do João, as pétalas roxas da árvore no piso do terraço. Observo tudo isso sem pensar em nada. Na verdade só me dou conta disso agora. É engraçado. As coisas revestidas de morte são também as coisas revestidas de vida.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.